A Esplanada do Atlântico

ANTÓNIO REIS MARQUES

No seu primeiro mandato como presidente da Câmara Municipal, iniciado em 1929, o então capitão de engenharia, Joaquim Mateus Preto Chagas, depois de ter conseguido a construção da avenida marginal, a que deu o bonito nome de Via Mar e Sol, e da respectiva estrada de ligação ao porto de abrigo, importantes melhoramentos que se concluíram no ano de 1934, empenhou-se de imediato numa realização semelhante no lado do nascente, que viria a ser a antiga "Esplanada do Atlântico".

Para tanto, e após o arranjo e alargamento do Largo de Bombaldes, comprou o que restava da antiga Fábrica Nacional de Conservas, uma das maiores unidades industriais que Sesimbra conheceu, a qual se estendia praia dentro e cujo espaço, hoje ocupado por um estabelecimento hoteleiro, foi aproveitado para armazém e oficinas dos serviços municipais, até então inexistentes.

Aquela formosa avenida marginal, que tinha placas centrais arborizadas a dividir as duas vias de circulação, foi completada no ano de 1936 mas seria totalmente destruída pelo violento ciclone de 15 de Fevereiro de 1941.

A sua reconstrução obteve-se, alguns anos depois, mas com um traçado e pavimentação diferente.

Para além da abertura de uma moderna via de comunicação, com as características e benefícios idênticos aos do lado poente, a construção visava também a possibilidade de instalar uma praia de banhos naquela área, como só muitos anos mais tarde viria a acontecer.

Tem hoje o nome de 25 de Abril, como anteriormente chegou a ter, embora por poucos anos, o de Comandante Tenreiro, menosprezando o propósito do dedicado sesimbrense que foi seu construtor e "padrinho", e ambicionava fazer o seu prolongamento até junto da fonte da Califórnia, onde teria termo com uma escadaria de acesso ao areal.

Depois e a partir daí, tal como

já fizera com os aprazíveis passadiços do"Macorrilho" e do "Alcatraz" a ocidente, seria lançado um caminho pedonal até ao extremo da praia, a

«Aquela formosa avenida marginal, que tinha placas centrais arborizadas a dividir as duas vias de circulação, foi completada no ano de 1936 mas seria totalmente destruída pelo violento ciclone de 15 de Fevereiro de 1941.»

zona designada por "Caneiro" ou, mais recentemente, por "as rochas", nomeação dada ao aglomerado que ali se formou com os penedos caídos da falésia por efeito do terramoto de 1755.

Teríamos, assim, um percurso regular até àquela área, como alternativa à então longa e cansativa travessia do areal, para os muitos pescadores que, nesse tempo, ali se ocupavam nas extintas "sacadas" e nas "artes do Caneiro", como o vulgo chamava às antigas xávegas, chinchas ou chinchorros e, ao mesmo tempo, para todos quantos, naturais e forasteiros, gostavam de ali se deslocarem para um simples passeio, para pescarem ou tomarem banho.

Estes empreendimentos, que completariam a valiosa obra de arranjo de toda a marginal de Sesimbra, de que é expoente a estrada para o porto, não tiveram na época possibilidades de concretização.

Só na década de 60, quando se acentuou a crise que levou à extinção das artes piscatórias conhecidas como "armações à valenciana para a pesca da sardinha", cujos estaleiros ocupavam os terrenos marginais, é que foi possível acrescentar a muralha e estender o leito da antiga "Esplanada do Atlântico" até ao local onde surgiu recentemente o empreendimento imobiliário que deu lugar à nova Praça da Califórnia.

Passaram-se, portanto, 70 anos desde a data da sua fase inicial até à da conclusão do seu traçado que foi acompanhada pela requalificação de toda a zona, a partir do largo de Bombaldes, tornando-a no grande logradouro público, na esplanada atlântica, que a vila tanto carecia.

Todavia, e porque na praia e na baía, infelizmente são ainda muitos os organismos com jurisdição, surgiram impedimentos à finalização do projecto, que inclui a melhoria de acesso à praia e dos serviços balneares.

Por isso, lá continua aquele caminho de terra batida, com um aspecto "marginal" a toda a sua envolvência.

Se, ao tempo, as decisões camarárias fossem condicionadas pelos pareceres ou tutelas de organismos ditos de defesa do ambiente ou de conservação da natureza, por certo não se teriam construído as nossas belas avenidas marginais, que deram a Sesimbra uma nova fisionomia e lhe realçaram, ainda mais, a sua beleza natural.